

O Príncipe dos Poetas

Homilia na celebração das exéquias do Cón. Amadeu Torres

Caros Familiares do Cón. Amadeu Torres,
Capitulares e Sacerdotes,
Representantes das várias Instituições de Ensino,
Irmãos e irmãs na fé em Cristo Jesus!

Hoje, Jesus no evangelho oferece-nos gratuitamente a beleza da expressão “sal da terra e luz do mundo”. Na verdade, Ele não se inibe de usar a sua via poética, para se servir de uma imagem que defina a identidade e missão dos seus discípulos. E a finalidade da missão cristã é apenas uma: anunciar a alegria da fé em Cristo Redentor.¹

Em Dia Mundial do Doente, que hoje celebramos, o Papa Bento XVI na sua mensagem recorda-nos isso, quando afirma: «A tarefa principal da Igreja é, sem dúvida, o anúncio do Reino de Deus, “mas este mesmo anúncio deve revelar-se um processo de cura: “...tratar os corações torturados”, em conformidade com a função confiada por Jesus aos seus discípulos.»²

Ao celebrarmos as exéquias do Cón. Amadeu Torres, trago agora à memória os difíceis momentos com que lidou em tempo de prolongada doença na juventude. E como esse processo demorado de cura se tornou numa ocasião para saborear as palavras humanas, filhas da autêntica Palavra criadora, através do estudo e reflexão.

¹ cf. *Redemptoris Missio*, 1.

² Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial do Doente 2012*, 1.

Na doença, que o poderia deprimir ou desesperar, confirmou o que seria a sua paixão. Ao publicar o seu primeiro livro, que se tornou síntese de toda a sua vida. “O meu caminho é este!”, simboliza o gesto de colocar a render os talentos, deixando-nos como que um testamento onde se sublinha a importância do estudo e da leitura para, entrando nos meandros da vida e da língua, tornar a existência num perene poema que se entrega aos outros em serenidade permanente e alegria de partilha de saberes com todos.

Num mundo de superficialidades, como urge aprender a pensar para comunicar com competência! É uma mensagem que Igreja (sacerdotes e leigos) não pode esquecer!

No caminho de descortinar todos os conteúdos duma língua através das suas palavras, reconhecemos o sabor especial da Palavra de Deus e sabemos que só o amor à Palavra de Deus pode conferir um sentido e um estímulo para superar todas as enfermidades humanas.³ Ela é um poema divino que nos recorda que a última palavra da nossa *frase existencial*, não é a morte, mas a vida eterna!

Por isso, nesta *aula magna* sobre a linguagem de Deus, onde contemplamos as paredes desta Catedral, que acarretam em si a história de uma evangelização local, permiti que vos lance um desafio: **decorai a Palavra de Deus!**

Contudo, que não seja um *decorare* académico, que guarda temporariamente a Palavra de Deus na memória e que rapidamente se esquece. Mas um *decorare* etimológico e espiritual, isto é, que grava eternamente a Palavra de Deus no coração. (cor, cordis: coração/ de+cordis: guardar no coração)

³ cf. Bento XVI, *Verbum Domini*, 106.

Se assim for, **estaremos** a ser esse “sal da terra e luz do mundo”. **Estaremos** a contemplar o “mistério de Deus e o do Homem, até no mais devastador dos silêncios que o mundo conhece”⁴. E **estaremos** a desvendar paulatinamente a presença de Deus na trama social. Esse Deus-mistério/transcendente que a poesia consegue decifrar tornando-o mais próximo do Homem! Proximidade que Deus quer manter com todos os âmbitos dum humanismo que se desenvolve através do pensamento e que reconhece a sua integralidade na abertura ao sobrenatural. Deus e o Homem não são antónimos. Este nasceu para participar na alegria e glória de Deus, traduzida nas suas expectativas e expressões de vida.

Em nome da Arquidiocese de Braga resta-me agradecer ao Cón. Amadeu Torres o legado cristão, linguístico e poético ao serviço da Igreja, da cultura e do Homem!

Que a Senhora de Lurdes ampare o luto dos teus familiares e amigos, e nos conceda o dom da presença doutros sacerdotes e leigos neste novo pátio dos gentios, para que a Palavra de Deus continue a ser a etimologia de todas as outras palavras, gerando na sociedade esse “sal da terra e luz do mundo”!

E para terminar, permiti que partilhe convosco a herança de um dos seus poemas, escrito durante a agonia da doença na juventude, no longínquo ano de 1948:

«A mão da Sombra ungiu-me as pálpebras cansadas:
Senti roçar em mim seus dedos de veludo
Tão leves como a brisa que acalenta as madrugadas,
Tão suaves como o bafo do mistério que anda em tudo.

A mão da Sombra encheu de névoa os meus ouvidos:
E, como taça de cristal que se quebrou,

⁴ José Tolentino Mendonça, *Pai-nosso que estais na terra*, 138.

Ouvia as notas finas de cristais partidos
Golpeando o silêncio vago que ficou.

A mão da Sombra fez-se concha ante meus lábios quedos:
E eu tive que beber a noite num só hausto,
Aquela noite imensa de que a dor é o fausto
E o silêncio o altar da adoração dos medos.

A mão da Sombra encarcerou-me tantas coisas belas!
A treva do princípio quase afoga os sonhos meus...

... - e é nessa noite assim que eu vejo mais estrelas!
Oh mão da Sombra! Oh Mão do Amor! Oh mão de Deus!»⁵

Que nesta noite cultural, apontemos as estrelas dum verdadeiro
saber humano para que “o mistério que anda em tudo”, nos abra os
horizontes da consoladora eternidade.

+ Jorge Ortiga, A. P.
Festa da Senhora de Lurdes, 11 de Fevereiro de 2011,
Sé Catedral de Braga.

⁵ Amadeu Torres, *Caminhos de Emaús*, 41.